

Síntese das discussões do fórum Livro-APF: Agosto/2012

Nessa síntese foram abordados, em 69 mensagens, os seguintes assuntos:

- Filiação do IFPUG para estudantes
- Migração de Dados
- Dependência de Entidades
- Funcionalidade é contada como parte de um Processo Elementar ou como um Processo Elementar à parte?
- Contagem de Login
- Permissão de Acesso a Transações
- Média de valores de APF para desenvolvimento na linguagem PHP
- Dúvida na Contagem de Tipos de Registros

Assunto: Filiação do IFPUG para estudantes

Data: 02/08/2012

Link: <http://br.groups.yahoo.com/group/livro-apf/message/5462>

Dúvida: Uma filiação no IFPUG para estudante também serve para tirar certificação CFPS?

Análise: Sim, mas você deve demonstrar ao IFPUG que estuda em período integral para se candidatar na filiação de estudante. Por exemplo, trabalhar de dia e estudar a noite não se enquadra nesta condição.

Para maiores informações, acesse as regras do IFPUG em http://www.ifpug.org/?page_id=24.

Assunto: Migração de Dados

Data: 14/08/2012

Link: <http://br.groups.yahoo.com/group/livro-apf/message/5476>

Dúvida: Há uma migração de dados para uma aplicação. No entanto, um dos tipos de dados que está sendo migrado não vem de uma outra aplicação, mas sim de um diretório, mantido pelo usuário. Nesse caso, podemos considerar o arquivo como um AIE? Caso não possa, como podemos contar sua migração?

Análise: É um erro muito comum querer contar ALI's e AIE's em conversão de dados. Sugerimos verificar no CPM Parte 4, 1-62 - Exemplo: Conversão de Dados.

Assunto: Dependência de Entidades

Data: 14/08/2012

Link: <http://br.groups.yahoo.com/group/livro-apf/message/5473>

Dúvida: Existe um processo elementar que alimenta uma entidade (por exemplo, Ordem de Serviço) e outro processo elementar que alimenta outra entidade relacionada com a anterior (por exemplo, Ocorrência da Ordem de Serviço). Cada processo possui telas separadas, mas uma das entidades só existe se a outra existir. Mesmo assim devemos contar como um único ALI?

Análise: Poderia relacionar os usos no sistema em que os dados das Ocorrências de uma OS são usados de maneira completamente dissociada dos dados da OS?

Em seguida, nesse negócio há um usuário responsável por cadastrar OS e um segundo usuário responsável por cadastrar as ocorrências de uma OS? No esquema pela qual o negócio divide o trabalho em diferentes funções, quais os papéis de cada um desses usuários?

Dúvida: Eles não são completamente dissociados não... na verdade, acontece o seguinte: a OS é aberta por algum usuário. Os objetos são produzidos por terceiros. Alguns têm problemas de produção/impressão, e então o usuário registra uma ocorrência para um objeto daquela OS (no caso, o que

deu problema e não foi impresso). O usuário que registra a OS e o que registra a Ocorrência pode ou não ser o mesmo.

Análise: Se fosse descrever as tarefas do usuário haveria duas tarefas; não foi resultado do projeto de telas haver essas duas tarefas: Abrir OS e Registrar Ocorrência da OS. Em termos de transações, considerando o que foi dito, há duas funções distintas.

O CPM diz nas práticas de contagem:

- Se várias entidades são sempre criadas juntas e excluídas juntas então esta é uma forte indicação de que as mesmas devem ser agrupadas dentro de um único arquivo lógico.

Bem... não é o caso de serem criadas juntas; Ao excluir uma OS, suas ocorrências devem ser mantidas ainda assim?

- Reveja também os processos elementares usados para extrair os dados, para determinar se o processo de extração acessa o mesmo grupo de entidades.

Os relatórios que listam dados de OS, em geral, incluem também os dados de Ocorrências?

- B é significativa para o negócio independentemente da ocorrência de A ligada a ela?

As regras que governam esse negócio, permitem que um registro de Ocorrência de OS possa ser transferido de uma OS para outra?

Essa pergunta feita, é uma das mais difíceis de responder sem conhecer melhor o sistema; entender quais dependências são relacionadas a requisitos funcionais e quais são introduzidas artificialmente pela modelagem. É difícil ver uma ocorrência sem os dados da respectiva OS associada. Mas sei lá! Vai que o usuário quer para fins associados às suas necessidades de informação e estatísticas que não tenham haver com a OS manter as ocorrências sem a OS.

Dúvida: É... Ocorrência só tem significado se OS continuar a existir. Então sendo assim, só seria um ALI.

Assunto: Contagem de Consulta dividida em Abas

Data: 15/08/2012

Link: <http://br.groups.yahoo.com/group/livro-apf/message/5479>

Dúvida: Há uma pesquisa que é realizada através de um número de identificação do usuário. Neste momento, é realizada uma validação. Como resultado, é apresentada uma tela dividida em abas. Cada aba apresenta informações distintas, mas uma complementa a outra. Essas abas devem ser contadas como processos elementares (CE ou SE) distintos? Por que?

Em cada aba é realizada a mesma validação inicial. Apresenta Tipos de dados e Arquivos Referenciados distintos.

Análise: Não. Neste cenário, estas abas não devem ser contadas como consultas distintas e somente será uma SE caso o processo de consulta execute além de simples recuperação de dados - como por exemplo; um cálculo.

Todos os dados participantes da transação que atravessam a fronteira da aplicação devem ser contabilizados como DER e todos os depósitos destes dados envolvidos nesta transação devem ser contados como ALR da transação.

Análise/Complemento: Veja se os posts

- <http://www.fattocs.com.br/blog/index.php/2012/08/1110>
- <http://www.fattocs.com.br/blog/index.php/2012/06/972>

Eles não tratam especificamente o que foi comentado acima; contudo, são uma orientação valiosa para a decisão: Conta um ou Conta Muitos, que parece ser o cerne da dúvida.

Assunto: Funcionalidade é contada como parte de um Processo Elementar ou como um Processo Elementar à parte?

Data: 16/08/2012

Link: <http://br.groups.yahoo.com/group/livro-apf/message/5496>

Dúvida: Considerem o seguinte cenário: Há uma inclusão de Matriz do Cliente. Existe um fluxo de Incluir Matriz do Cliente que permite o usuário selecionar qual cliente deseja e salvar. O fluxo termina e o usuário pode ir embora para casa ou selecionar o fluxo alternativo: Adicionar serviços ao cliente. Se ele for embora para casa, no outro dia, ele seleciona o cliente, clica em alterar e aí sim terá disponível a opção Adicionar serviços ao cliente. Se ele não for embora para casa e já selecionar esta opção assim que incluir o cliente, o sistema apresenta novos campos para preenchimento e ao término, o salva na inclusão.

- A matriz do cliente só é considerada concluída quando ele incluir o cliente e o serviço.

- Se ele incluir só o cliente, a matriz ainda não estará com status concluída, porém já aparecerá na lista.

Pergunta: O "adicionar serviços ao cliente" é parte do processo "incluir matriz do cliente ou alterar matriz do cliente"? Ou ele é um processo à parte, já que é possível entrar no sistema e continuar depois?

Análise: Foi dito que: "*A matriz do cliente só é considerada concluída quando ele incluir o cliente e o serviço.*"

Então o "Adicionar Serviços ao Cliente" é um sub-processo do "Incluir Matriz do Cliente". De acordo com o CPM, parte 2 - página 7-10, para identificar um processo elementar, as seguintes atividades devem ser realizadas:

Compor e/ou decompor os Requisitos Funcionais do Usuário até a menor unidade de atividade que satisfaz todos os itens a seguir:

- é significativo para o usuário;
- constitui uma transação completa;
- é auto-contido e
- deixa o negócio de aplicação sendo medida em um estado consistente.

Dúvida: Conversando com o usuário, ele diz que apesar de só estar completa assim, para ele incluir os pedaços tem significado. Então a primeira opção estaria comprometida, né?

Análise: Mas pelo o que foi dito inicialmente, o processo "Incluir Matriz do Cliente" só estará completo quando ele incluir cliente e serviço. Nessa visão, devemos contar tudo como um único processo elementar.

Assunto: Contagem de Login

Data: 19/08/2012

Link: <http://br.groups.yahoo.com/group/livro-apf/message/5503>

Dúvida: Como fazer corretamente a contagem do login? Seria CE ou SE? Acredita-se que seja SE porque há criptografia e um algoritmo muito mais elaborado que apenas uma CE.

Análise: A interpretação está correta. Se houver algum tipo de processamento, como a criptografia, é uma SE. No entanto, existem "logins e logins". Se por acaso não houver criptografia ou outro processamento, trata-se de uma CE. Atualmente, é pouco provável nos depararmos com esse cenário, mas, ele existe.

Análise/Complemento: Se criptografia for um requisito não funcional, que se espalha por todo sistema, deve ser ignorado na APF.

Assunto: Permissão de Acesso a Transações

Dúvida: Quando uma aplicação é desenvolvida, o usuário/gestor define o acesso das funcionalidades do sistema por 'perfil' de quem irá utilizá-la.

Exemplo: uma consulta só pode ser acessada pelo usuário X (então o usuário Y terá seu acesso negado). Essa informação é implementada em outro sistema (que a empresa define como infraestrutura).

A dúvida é: Esse ALR é referenciado para verificar (por transação) se o usuário tem permissão de acessar a transação ou não? Pelo fato do sistema ser considerado pela empresa como infra, ele não deve ser referenciado na transação?

Exemplo: CONSULTA XPTO 2 ALR (sendo 1. Cadastro XPTO e 2. Sistema de Segurança).

Em tempo, o usuário quando da especificação do sistema define (em formulário próprio) quais serão os acessos por funcionalidade, isso significa que ele reconhece e é uma necessidade dele, correto?

Análise: Se a autenticação (login) acontece como parte dos RFU de uma aplicação, temos uma transação de CE/SE referente à essa autenticação e autorização associadas. Caso as informações de referência sejam mantidas pela aplicação em análise, temos um ALI; caso contrário um AIE.

Se o controle de acesso se dá por uma infra anterior aos RFUs; por exemplo, utiliza-se algum mecanismo de SSO, não há funcionalidade a ser contada na aplicação em análise.

Não devemos considerar parte de cada RFU como passos os controles de acesso; ou seja, não são requisitos particulares e específicos de uma transação, mas sim requisitos de ordem geral que afetam todas as transações. É como uma convenção, assim como o caso do Help, a contagem do Login (quando há um login específico para a aplicação em análise) como uma SE/CE.

Assunto: Média de valores de APF para desenvolvimento na linguagem PHP

Data: 30/08/2012

Link: <http://br.groups.yahoo.com/group/livro-apf/message/5522>

Dúvida: Onde é possível conseguir estatística sobre valores por Pontos de função para PHP e outras linguagens?

Análise: Em toda a base do ISBSG R11 há apenas um projeto com PF do IFPUG de 1999 e dois medidos com COSMIC de 2001 e 2002. O do IFPUG apurava 7,3 HH/PF.

No site da FATTO em sua área de editais, é possível encontrar editais com PHP que possa ter informação mais útil.

Análise/ Complemento: Há também esse site: <http://www.blogcmmi.com.br/engenharia/produtividade-das-linguagens-em-pontos-por-funcao-apf>

Porém, é necessário verificar a fonte com cuidado.

Assunto: Dúvida na Contagem de Tipos de Registros

Data: 31/08/2012

Link: <http://br.groups.yahoo.com/group/livro-apf/message/5525>

Dúvida: Não está claro como contar os TR's. Sabemos que um TR deve ser contado para cada função de dados (ou domínio de informação). Mas, se no retorno de uma consulta temos que fazer um JOIN com 5 tabelas, por exemplo, todas relacionadas entre si através de chaves (não necessariamente as mesmas chaves para todas), isso caracteriza uma função de dados?

Outro exemplo: Se temos uma tela para consulta de dados processados (SE) que retorna informações das tabelas de clientes, endereços do cliente, telefones do cliente, operações do cliente e status das operações, como realizar a contagem? Todas as informações armazenadas nas tabelas, com exceção da tabela de clientes, são dependentes da mesma, ou seja não existiriam se a tabela de clientes não existisse. É nessa linha de pensamento que devemos seguir? Não teríamos um endereço de cliente se não tivéssemos um cliente, não teríamos uma operação se não tivéssemos um cliente, não teríamos um telefone se não tivéssemos um cliente, e, conseqüentemente, não teríamos um status para a operação.

Análise: Quando fazemos um join é uma questão técnica, na visão do usuário não é necessário ser realizado. No caso, quando fazemos uma transação (CE por exemplo), e consulta informações de outras tabelas dependentes de uma tabela X, essas tabelas dependentes juntamente com a tabela independente contam um único AR para a transação.

Além disso, de acordo com o CPM:

Como identificar tipos de registros elementares: Para Contar Tipos de Registro Elementar (RLR) para uma função de dados, deve-se contar um RLR para cada função de dados (por padrão cada função de dado tem um subgrupo de DER para ser contado como um RLR). Deve-se contar um RLR adicional para cada subgrupo de DER lógico adicional (com a função de dados) que contém mais de um DER: entidade associativa com atributos não-chave, subtipo (outro além do primeiro subtipo), entidade atributiva, em um relacionamento que não seja obrigatório 1 para 1. Lembrando que um relacionamento obrigatório 1-1 reflete a relação entre duas entidades onde cada uma é relacionada com uma, e apenas uma instância de uma entidade relacionada.